

CULTURA INDÍGENA: VIVÊNCIAS E REFLEXÕES



Professora Danieli Ganassini da Silva

Escola: EMEF 25 de Julho

Ano: Sétimo ano do Ensino Fundamental



Resumo

Este projeto teve como objetivo refletir sobre a cultura indígena no Brasil, buscando desmistificar a forma de ver esse povo, impactando os estudantes e também a comunidade escolar.

Buscamos compreender os principais aspectos da cultura indígena, através do povo Mybiá-Guarani por meio de uma vivência em uma comunidade indígena, a aldeia Tekoá – Pindo – Mirim, em Viamão. Abordamos a arte indígena e sua ligação com a vida cotidiana, através de suas lendas, pintura corporal, crenças e artesanato, por meio de desenhos, paródias, pesquisas e leitura de imagens.

Estudamos também como a sociedade contemporânea vê as comunidades indígenas, através de notícias, gráficos, tabelas e textos.

O projeto foi tão rico e significativo que resultou também no projeto de pesquisa da FIC (Feira de Iniciação Científica) daquele ano na escola, os alunos estavam tão envolvidos e foi nítida a forma como passaram a respeitar e valorizar a cultura indígena, tornaram-se também multiplicadores deste discurso em defesa deste povo, que sofre a desvalorização e desrespeito a sua forma de pensar e viver e tem seus direitos muitas vezes ignorados.

Quanto aos temas transversais pode-se dizer que esse trabalho aborda diretamente a diversidade cultural, mas também envolve o meio ambiente, a partir da consciência da importância da natureza para essa etnia. A visão dos índios como homens "naturais", defensores inatos da natureza, parte da ideia do uso da natureza de maneira sustentável. Os alunos observaram essa concepção e puderam ressignificar o contato com a natureza.





Apresentando...

Sou gaúcha, me formei primeiro em Artes Visuais - Bacharelado, sempre tive tendência para o lado da criação e comunicação. Eu queria trabalhar em galerias de arte e com projetos culturais, mas quando me formei vi que o mercado era escasso nessa área. Venho de uma família de professores, porém não cogitava ser professora. Por conselhos de algumas pessoas, resolvi fazer licenciatura e me apaixonei. Fiquei surpresa com isso, mas todos ao meu redor não, pois já haviam percebido que combinava muito comigo, só eu não via. Mas só fui atuar na área, depois dos meus 30 anos de idade. Iniciei nessa escola em 2015 e nela trabalho até hoje. É muito gratificante trabalhar nessa instituição, pois os alunos são muito queridos e me identifico com eles.

A escola:

A EMEF 25 de Julho faz parte da rede municipal de Campo Bom, a escola se situa no bairro 25 de Julho. Esse bairro não é muito carente economicamente, mas a escola atende alunos carentes de outros dois bairros, com problemas sociais bem latentes, como: pobreza, drogadição, violência e uma cultura de evasão escolar no final do ensino fundamental, ou antes, ou seja, nota-se falta de valorização da educação e falta de perspectiva de um futuro com oportunidades a partir da educação. Apesar disso, num geral, os alunos da escola são dedicados e não temos muitos problemas de disciplina. A escola tem muitos projetos no contraturno para envolver os alunos e mantê-los mais tempo na escola, porque para alguns, é um dos poucos espaços saudáveis de convivência e aprendizagem possível.

A turma:

A turma que inscrevi o projeto foi a 73, da qual eu era conselheira, mas na verdade o projeto foi realizado com os três sétimos anos da escola. Porém com a turma citada acima, foi dada sequência e teve um desdobramento maior, pois acabou virando o projeto da FIC (Feira de Iniciação Científica) da escola daquele ano. Essa turma está agora no nono ano e sou professora de artes deles desde o sexto ano.

Eles eram muito criativos, gostavam de conversar bastante e eram uma turma bem unida. Nem todos os alunos eram motivados, mas entre eles haviam alguns que se destacavam pela liderança e iniciativa. Eles eram uma turma produtiva e animada até hoje, mas a turma se dividiu e misturou com outras.

Como surge?

Ao iniciar a apresentação do conteúdo de arte indígena, os alunos começaram a fazer diversas perguntas sobre esse povo, perguntas cheias de mistificação e até um certo preconceito, apresentado através de um discurso que não devia ser deles e sim de terceiros. Então conversando com a colega Simone Silva da Silva, professora de História, resolvemos propor a escola um projeto de saída de campo com o objetivo de conhecer uma aldeia indígena, pois dessa forma, poderíamos proporcionar um momento em que os alunos, através da realidade, pudessem ter uma visão contextualizada da cultura indígena, podendo a partir desta experiência desconstruir essa visão e ressignificar esse conhecimento.

Na ocasião, a cidade tinha a presença de índios acampados numa área pública, esta situação gerou uma discussão em defesa e contra a permanência deste povo ali, pela comunidade em geral, e os alunos trouxeram esse fato e a opinião deles sobre aquela situação.

Lembrando que, esse trabalho atende a lei 11.645/2008, que institui o ensino da cultura e da história dos povos indígenas em todo o currículo escolar, principalmente dentro das áreas da educação artística e da história.

CIDADE DO INTERIOR DO ESTADO “DESPEJA” ÍNDIOS NA CIDADE

Março 20, 2018 Escrito por Renan Spengler - MTB 16379 Publicado em Rebatendo



Retirado do jornal da cidade na época do trabalho para refletir com os alunos em sala de aula, inclusive os comentários dos leitores. Não encontra-se mais disponível do site do jornal.

16/05/2018

Cidade do interior do estado "despeja" índios na cidade - A GAZETA - O jornal de Campo Bom

Por volta das 10h30min desta terça-feira um ônibus da cidade de Muliterno, cidade do noroeste do estado, estacionou às margens da avenida Brasil, junto ao Complexo do CEI. A movimentação chamou a atenção, principalmente quando mais de 60 índios começaram a descer do veículo. A Brigada Militar foi chamada e uma equipe da Prefeitura de Campo Bom está no local para procurar uma saída para o caso.

Nossa reportagem tentou contato com a prefeitura de Muliterno, para procurar entender os motivos da ação, porém ninguém atendeu.

Saindo do papel...

Além das atividades em sala de aula, pensamos na vivência e para isso, a professora Simone e eu escrevemos o projeto para aprovação na prefeitura, e participamos de uma palestra na UFRGS, que era pré-requisito para a escola poder se inscrever para participar da Vivência.

Segundo a notícia retirada do site da UFRGS abaixo: “A atividade tem como objetivo permitir o acesso à cultura, aos valores e à parte da riqueza do povo Guarani-Mbyá, através de reflexões e vivências. Destinada às escolas e ao público em geral, a experiência na terra indígena procura promover um diálogo intercultural por intermédio de diversas atividades como trilhas, danças, jogos, exposições e comercialização de artesanatos, além de rodas de conversa com o povo Guarani-Mbyá.” Era o que buscávamos e queríamos que os alunos experimentassem.



NOTÍCIA 28 MARÇO, 2018

VI Semana com a Cultura Guarani- Mbyá abre inscrições para Escolas

A comunidade Mbyá da TekoãPindó Mirim (Terra Indígena de Itapuã) realizará em abril a VI Semana com a Cultura Guarani-Mbyá. A atividade tem como objetivo permitir o acesso à cultura, aos valores e à parte da riqueza do povo Guarani-Mbyá, através de reflexões e vivências. Destinada às escolas e ao público em geral, a experiência na terra indígena procura promover um diálogo intercultural por intermédio de diversas atividades como trilhas, danças, jogos, exposições e comercialização de artesanatos, além de rodas de conversa com o povo Guarani-Mbyá.

As vivências na aldeia acontecem de 17 a 20 de abril e de 23 a 27 de abril de 2018. As vagas são limitadas. Escolas e grupos interessados devem se inscrever até o dia 3 de abril de 2018 (terça-feira) pelo e-mail semanaculturalguarani@gmail.com.

Antes da visita à aldeia, os participantes terão uma preparação cultural no dia 3 de abril, às 14h, no auditório da Faculdade de Educação – FACED da UFRGS (Av. Osvaldo Aranha, 277, Campus Centro – Porto Alegre). O encontro será ministrado pelo Cacique Arnildo Verã Moreira, por Laurinda Kerexu e Felipe Brizuela, que explicarão o funcionamento das atividades durante a vivência, aspectos relacionados à cultura Guarani Mbyá, dentre outros elementos pedagógicos que podem ser utilizados com os alunos em sala de aula.

A Semana com a Cultura Guarani-Mbyá de 2018 é organizada pela Comunidade Mbyá da TekoãPindó Mirim (Terra Indígena de Itapuã – Viamão, RS) e pela Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental NhamanduNhemopu'ã, com apoio do Museu da UFRGS.

Antes da vivência...

Antes da saída de campo, os alunos estavam muito curiosos, alguns estavam eufóricos, outros não demonstravam interesse. Durante as aulas onde estávamos fazendo atividades sobre a arte Indígena, os alunos faziam muitas perguntas sobre a cultura e costumes indígenas.

Atividade: Criei uma caixa de curiosidades, onde eles puderam escrever algumas perguntas. Selecionei as mais relevantes e combinamos que na vivência haveria espaço para tirar essas dúvidas ou elas seriam sanadas a partir da observação e experiência deles.

A professora Simone e eu, informamos os alunos sobre o tipo de atividade que seriam oferecidas e os orientamos quanto alguns cuidados e postura que deveriam ter para garantir uma boa visita e para respeitar ao máximo nossos anfitriões, fora isso, deixamos que eles mesmos tirassem suas próprias conclusões.

Fonte da notícia ao lado:
<https://www.ufrgs.br/prorext/v-semana-com-a-cultura-guarani-mbya-abre-inscricoes-para-escolas/>



Chegando a Aldeia...

Quando chegamos na comunidade Mbyá da Tekoá Pindó Mirim (Terra Indígena de Itapuã), os alunos estavam numa mistura de curiosidade e ansiedade, mas percebemos um pouco de resistência e desconforto, pois o lugar era muito simples e tudo era muito diferente para eles. Também notamos que eles tinham uma visão estereotipada de como seria uma aldeia indígena.

Eles falavam:

-Sora, eles usam roupa igual nós!

-Sora eles tem celular!

-Sora, olha eles tem casas normais!

Eles estavam muito tímidos, mas aos poucos foram se sentindo mais a vontade e se enturmando. Olhavam para todos os lados, faziam muitas perguntas, e citavam algumas das coisas que estudaram nas aulas, ou demonstravam curiosidade e ansiedade no que iria acontecer.

Ao chegar, a primeira atividade era um ritual de boas-vindas e purificação, a maioria dos alunos sentiu-se desconfortável e amedrontado no início, acredito que pelas crenças que tinham em torno da palavra “ritual”, por serem em sua maioria cristãos e ter um pouco de preconceito com a religiosidade indígena. Na sala de aula, quando apresentei uma das funções da arte indígena, a função religiosa, os alunos demonstraram interesse, mas também uma desqualificação da mesma. Mas tudo isso foi mudando ao longo do dia e durante os demais debates em sala de aula.





As atividades

Na visita à aldeia, os alunos puderam ver os grafismos, a cerâmica, a arte plumária presentes nos artesanatos, nas construções e na pintura corporal. Assistiram apresentações de música e dança e perceberam como essas são manifestações importantes e fundamentais para vivência de sua religiosidade e sua conexão com suas origens. Puderam entender como a arte está presente na vida deles e valorizar a diversidade cultural, contudo conseguiram perceber que somos todos iguais em todos os aspectos.





Contato com a Natureza



Manifestações artísticas e culturais



Brincadeiras



Adoro essa foto, chegaram tímidos e cheios de receios, e ali já estavam a vontade e descalços, tendo mais contato com a terra.

Roda de Conversa

Durante a roda de conversa com o Cacique, os alunos da escola e de outras escolas (tinham 3 escolas a mais visitando a aldeia aquele dia) puderam fazer perguntas e ouvir as palavras do Cacique. Ali, eles tiraram muitas de suas dúvidas e entenderam melhor algumas das crenças e reivindicações do povo indígena.

Na hora de vir embora os alunos estavam enturmados e apesar do cansaço não queriam ir embora. Então percebemos que realmente foi muito significativa para eles a vivência.

As imagens do passeio usadas aqui, encontram-se no perfil da escola no Facebook.
<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.218286575423697&type=3>

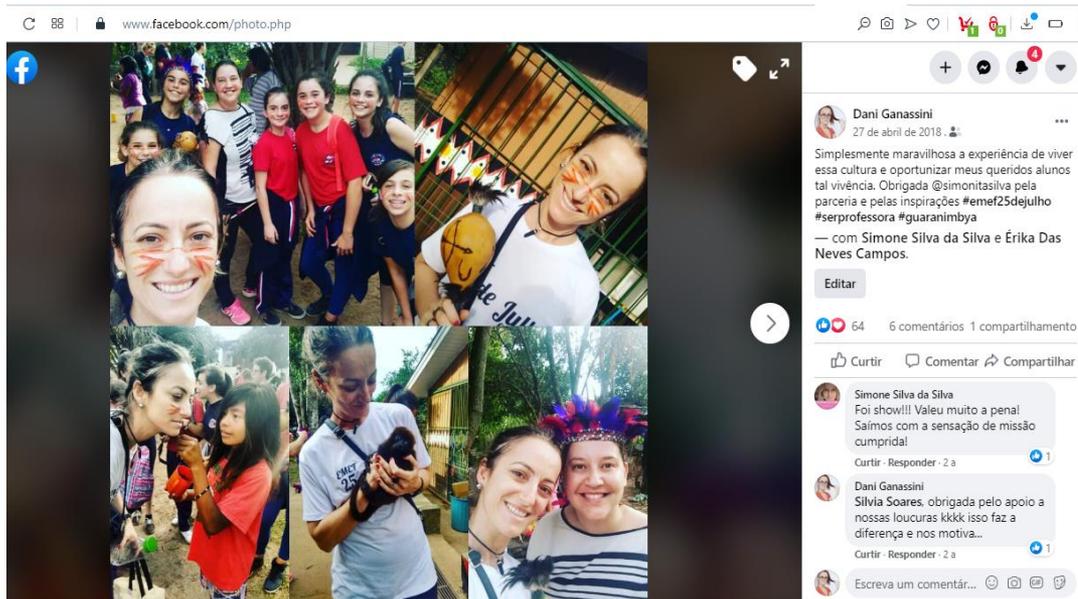


Aprendizados

Nas aulas posteriores ao passeio, os alunos estavam ainda muito empolgados contando para os colegas que não tinham ido, como foi e o que aconteceu. Solicitei que eles escrevessem um relato de experiência no caderno e lessem para os colegas. Debates também o que eles aprenderam com a cultura e a forma de viver dos indígenas. O que eles relataram me encheu de alegria, pois percebi que os resultados das aprendizagens estavam sendo expressados. Em resumo, foi o fato deles entenderem que a cultura deles é diferente da nossa, no entanto muito valiosa e que precisamos respeitar e aprender com os índios. Entre as vivências que eles relataram, as que considero muito relevantes são:

- Relação deste povo com a natureza e o respeito com a mesma. Eles entendem a natureza como parte deles, e também como algo sagrado, então eles se guiam por ela. A rotina de trabalho e algumas atividades são baseadas na natureza e nos seus sinais, por exemplo a chuva.
- Respeito e valorização dos mais velhos, os idosos da tribo são sempre consultados e estiveram ao lado do cacique durante toda a fala dele, algumas vezes ele consultava a opinião deles.
- Que eles tem muitos aspectos parecidos com a gente, mas que valorizam mais a cultura e a religião deles.
- A questão da coletividade, como vivem em grupos onde tudo é compartilhado e decidido pelo bem comum e pelas crenças. Nisso também entra a obediência e o entendimento dessa realidade, onde o querer individual não deve estar em conflito com os objetivos do grupo.

Minha experiência



Para mim foi uma das experiências mais significativas da minha trajetória como professora. Eu sempre gostei de levar os alunos para saídas de campo, apesar de todas as dificuldades encontradas em fazer esse tipo de atividade em escola pública, pela questão financeira e falta de engajamento. Mas acredito muito nesse tipo de abordagem, pois a aprendizagem e memórias dessas vivências são únicas.

Visitar exposições, museus, lugares históricos, galerias de arte ou lugares da cidade, fomenta descobertas sobre o homem e sua relação com diferentes povos, culturas e valores. Além disso, fomenta a sensibilização em relação à produção em arte, possibilitando ao aluno levar aspectos discutidos nas reflexões e nos diálogos estabelecidos durante a visita, para sua produção teórica e prática nas aulas.



Atividades:

- **Grafismos indígenas:** os alunos produziram desenhos com base nesses grafismos, criando uma estampa com padrão geométrico. Apresentei para os alunos alguns desenhos e seus significados. Expliquei que apesar de abstratos, todos são inspirados na natureza, esses desenhos estão presentes na pintura corporal, cestaria, cerâmica, pulseiras etc. Ao chegar na aldeia, eles observaram isso em diversos lugares (artesanato, placas na pintura da escola) e me mostravam e comentavam.
- **Lendas indígenas:** Abordei como as lendas são importantes para a tradição oral indígena, e que elas buscam explicar a origem da natureza e de algum acontecimento. Conte a lenda do Uirapuru e depois eles tinham que ilustrar essa lenda com um desenho. Eles adoraram a lenda, pediram para eu contar com a luz apagada e fecharam os olhos para se imaginar na história. Na lenda havia Deus Tupã (sol) que atendeu o pedido do jovem guerreiro; quando foram a aldeia observaram como eles respeitam o deus Tupã e como observam os sinais dessa divindade, para tomar decisões simples e também mais complexas.
- **Trabalho de assemblagem e colagem usando elementos naturais secos:** os alunos trouxeram elementos secos como galhos, folhas, sementes (todas colhidas no chão) e produziram uma composição através da colagem destes elementos. O tema era grafismo indígena ou uma cena da cultura indígena.



Atividades:

- **Paródia:** A proposta era em grupo, produzir uma paródia de uma música de livre escolha, sobre os temas debatidos em sala de aula. Nesta atividade observamos que eles defendiam os índios, pois já tinham uma outra visão e entendiam a luta e os problemas enfrentados por esses povos. Mas alguns ainda falavam dos índios de uma maneira preconceituosa e estereotipada.
- **Rodas de conversa:** Durante algumas aulas após a visita, realizamos debates (a Professora Simone nas aulas dela e eu nas aulas de artes) sobre temas trazidos pelos alunos e também sobre alguns questionamentos que trouxemos na pauta, alguns deles eram:
 - ✓ A perda do território que é uma das lutas do povo indígena, os acampamentos deles nas cidades e sobre quem está invadindo o espaço de quem?
 - ✓ Dados sobre a população indígena e leis que amparam seus direitos.
 - ✓ Os preconceitos e estereótipos que as pessoas tem em relação aos índios.
 - ✓ Como o Branco (é assim que eles se referem a nós) é culpado por muitos dos problemas enfrentados pelos indígenas e neste caso nos colocarmos também como esse “branco invasor”?
 - ✓ Diferenças de culturas: religião e manifestações culturais.

Os trabalhos dos alunos não foram retidos, foram devolvidos, com exceção de alguns que foram colocados numa pasta para apresentar na FIC, mas essa pasta foi extraviada no dia da desmontagem da feira. Perguntei para os alunos se algum deles ainda tinham os trabalhos guardados mas, ninguém tinha.



O Projeto para a FIC da Escola

Esse projeto pedagógico foi se desenvolvendo de maneira tão rica que decidimos que ele seria nossa pesquisa na FIC. Isso também por que a ideia era que esses alunos com o conhecimentos e experiências que tiveram, fossem multiplicadores do discurso de respeito e valor a essa etnia. Eles precisavam compartilhar o que aprenderam, esse conhecimento não podia ficar só com eles, pois a partir da informação é que nos tornamos mais empáticos, com a luta que é do outro, mas conhecendo essa luta, eu passo a acreditar e qualificar essa causa.

Fomos montando o projeto e escrevendo todas as etapas dele no caderno de campo. A estrutura do projeto foi feita coletivamente. Eu explicava essa estrutura e eles iam falando e íamos escrevendo.

Como foi algo que eles viveram, o grupo que foi escolhido para apresentar o trabalho, nem precisou de muita orientação e ensaios para apresentar.

Além de todas as atividades realizadas em sala, debates, apresentações, leitura, atividades artísticas, e a vivência, os alunos tiveram a ideia de fazer uma pesquisa com alguns alunos da escola, com o objetivo de conhecer a visão que os mesmos tinham dos Índios. Neste questionário eles perguntaram:

Você já viu índios pessoalmente? Onde?

Por que você acha que eles estão acampados na cidade?

Você acha que eles têm direito de buscar seu território?

A conclusão deles foi que a maioria não reconhece os direitos dos índios em relação ao território, que são um incômodo na cidade e a visão que tem é de índios vendendo artesanato na sinaleira ou pedindo esmola. Com isso, eles se sentiram mais motivados a explicar a situação e a luta indígena e contar o que viveram na aldeia para mais alunos.



O projeto:

CULTURA INDÍGENA: VIVÊNCIAS E REFLEXÕES

Escola Mun. De Ens. Fund. 25 de Julho
Turma: 73

Professoras orientadoras: Danieli Ganassini e
Simone Silva da Silva

Alunos: Ana Laura, Érika, Estefani e Jean

Resultados

A vivência nos proporcionou outra visão sobre os povos indígenas e sua cultura. Aprendemos a respeitar e também a nos posicionar em defesa das comunidades indígenas e dos povos indígenas.

Vimos que existia muitas legislações de proteção à cultura indígena no Brasil, mas que não existem legislações deste tipo em nosso município. Também percebemos que muitas pessoas de Campo Bom são preconceituosas em relação aos indígenas, perpetuando estereótipos de cunho preconceituoso, justamente por falta de conhecimento e ignorância.



Apresentação na FIC

A feira foi também um momento de compartilhar com a comunidade escolar a experiência vivida, os trabalhos produzidos e também abordar as reflexões geradas. As alunas que apresentaram o projeto, estavam totalmente envolvidas e felizes de compartilhar os conhecimentos adquiridos, o discurso delas era de defesa da causa Indígena.



As alunas vestiam camisetas que foram feitas pelos índios no dia da vivência. Os artesanatos expostos foram comprados por alunos e professores.



Objetivos e Resultados

Os objetivos do projeto pedagógico eram:

- Proporcionar o debate e a reflexão sobre a cultura indígena, desmistificando a visão estereotipada que se tem dos índios.
- Estimular o aprendizado e a valorização do patrimônio artístico e cultural indígena.
- Conhecer uma comunidade indígena e interagir com os seus moradores, conhecer seus costumes e crenças. Podendo relacionar e significar os conhecimentos teóricos.
- Ampliar as vivências culturais dos educandos e conhecer vários tipos de manifestações culturais.
- Pesquisar a situação atual dos povos indígenas dentro da sociedade.
- Valorizar a diversidade racial e cultural.

Pode ser observado que os objetivos estão focados nas habilidades relacionadas a alguns objetos de conhecimento da BNCC, neste aspecto tanto a Professora Simone como eu, realizamos nosso planejamento com essa intencionalidade pedagógica. Os principais objetos de conhecimento de artes contemplados são: matrizes estéticas e culturais, patrimônio cultural, contextos e práticas, materialidades e processo de criação.

Concluimos que os objetivos em sua maior parte foram atingidos. Nós ficamos muito satisfeitas com os resultados do projeto, no sentido que o projeto atingiu as necessidades que tínhamos de conhecer, experimentar, refletir, debater e valorizar a cultura indígena, gerando um novo olhar sobre a diversidade racial e cultural.



Avaliação

Durante os meus projetos didáticos ou atividades pedagógicas sempre busco proporcionar a experiência do fazer artístico de formas variadas ou seja com técnicas diferentes, para que os alunos possam desenvolver habilidades diferentes e também para promover uma experiência mais democrática, já que muitos alunos não gostam de desenhar, pois julgam não saber. Logo em outras atividades como uma paródia, ou um trabalho de colagem conseguem se destacar. Mesmo assim, sempre busco desmistificar esse “eu não sei desenhar”, através de experiências de desenho cego e desenho coletivo e também através de conversas.

A minha forma de avaliar é processual e individual, ou seja o aluno por ele mesmo. Sempre buscando avaliar mais o processo que o trabalho final. Pois para mim a arte não é dominar a técnica e sim o envolvimento e a valorização do processo criativo e do compromisso com sua criatividade. Neste projeto fui avaliando cada atividade no âmbito nortear as próximas atividades e fazer intervenções caso fosse necessário.

Mas posso dizer que além de notas ou conceitos, observei a evolução dos alunos nas falas, na mudança de postura diante do assunto, o fato de passarem a ser defensores e multiplicadores do discurso em favor do respeito e da valorização dos povos indígenas, mostrou-me que estava no caminho certo.

Claro que não conseguimos atingir todos, alguns permaneciam com sua visão ainda preconceituosa, e penso que talvez poderia ter usado outras estratégias e abordagens. O projeto teve falhas sim e como professor nos frustramos com isso, mas num geral avalio como uma experiência única e que agregou muitos conhecimentos sobre o tema e também para a vida deles. Conhecer outras culturas e viver uma outra realidade faz a gente entender melhor o outro e valorizar sua luta, além de enriquecer o repertório cultural e a percepção artística.

Depoimento dos Alunos

Meu nome é Lucas Lauer Oliveira, tenho 14 anos, vou relatar um pouco sobre a visita à aldeia indígena.

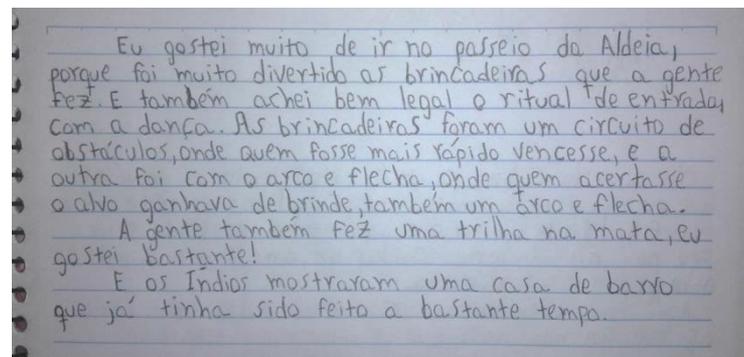
Foi uma experiência muito diferente e boa, logo quando chegamos foi iniciado uma espécie de “ritual” para limparmos nossa alma e estarmos limpos para usufruir de seus ensinamentos. Bom, o ritual pra mim foi confuso e me deixou nervoso, é aquela famosa frase “não entendi, mas compreendi” e no final aquilo foi muito bom.

Teve uma parte que participamos de jogos, brincadeiras e competições deles e foi muito legal, pois ficamos mais juntos com pessoas que não conhecíamos e eu acho isso importante, ao mesmo tempo que tem a competitividade, tem a união.

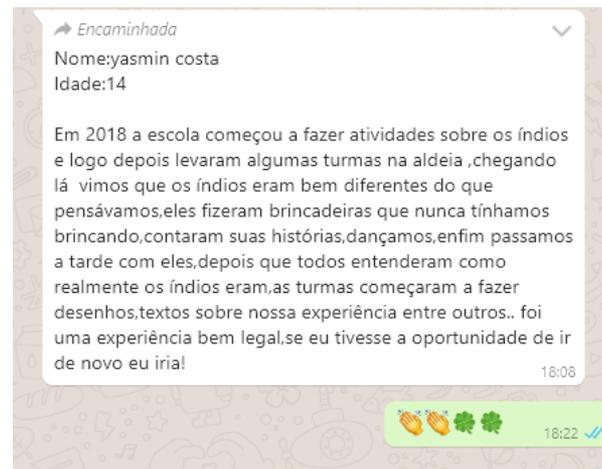
A parte que fizemos uma caminhada foi a mais empolgante e excitante para mim, porque é o que eu mais gosto, era como se eu estivesse livre em um ambiente familiar, e era muito divertido ver as crianças indígenas pulando e correndo pelos morros de terra, eles pareciam muito felizes também.

Ali, na aldeia, eu consegui ficar mais próximo até de que eu já era próximo, porque eu consegui me desconectar das coisas de fora e me concentrar no que eu estava fazendo ali e com quem eu estava.

A parte final foi meio inesperada mas mesmo assim foi boa, porque é aquela coisa, você pode gostar, mas sempre prefere a sua casa. Teve muitos aprendizados ali, para todos que foram lá, eles saíram com uma experiência, um pensamento e talvez até uma habilidade nova. E se um dia eu tiver a chance de voltar lá, pode ter certeza que eu iria.



Eu gostei muito de ir no passeio da Aldeia, porque foi muito divertido as brincadeiras que a gente fez. E também achei bem legal o ritual de entrada com a dança. As brincadeiras foram um circuito de obstáculos, onde quem fosse mais rápido vencesse, e a outra foi com o arco e flecha, onde quem acertasse o alvo ganhava de brinde, também um arco e flecha. A gente também fez uma trilha na mata, eu gostei bastante! E os índios mostraram uma casa de barro que já tinha sido feita a bastante tempo.



Encaminhada
Nome: yasmin costa
Idade: 14

Em 2018 a escola começou a fazer atividades sobre os índios e logo depois levaram algumas turmas na aldeia, chegando lá vimos que os índios eram bem diferentes do que pensávamos, eles fizeram brincadeiras que nunca tínhamos brincando, contaram suas histórias, dançamos, enfim passamos a tarde com eles, depois que todos entenderam como realmente os índios eram, as turmas começaram a fazer desenhos, textos sobre nossa experiência entre outros.. foi uma experiência bem legal, se eu tivesse a oportunidade de ir de novo eu iria!

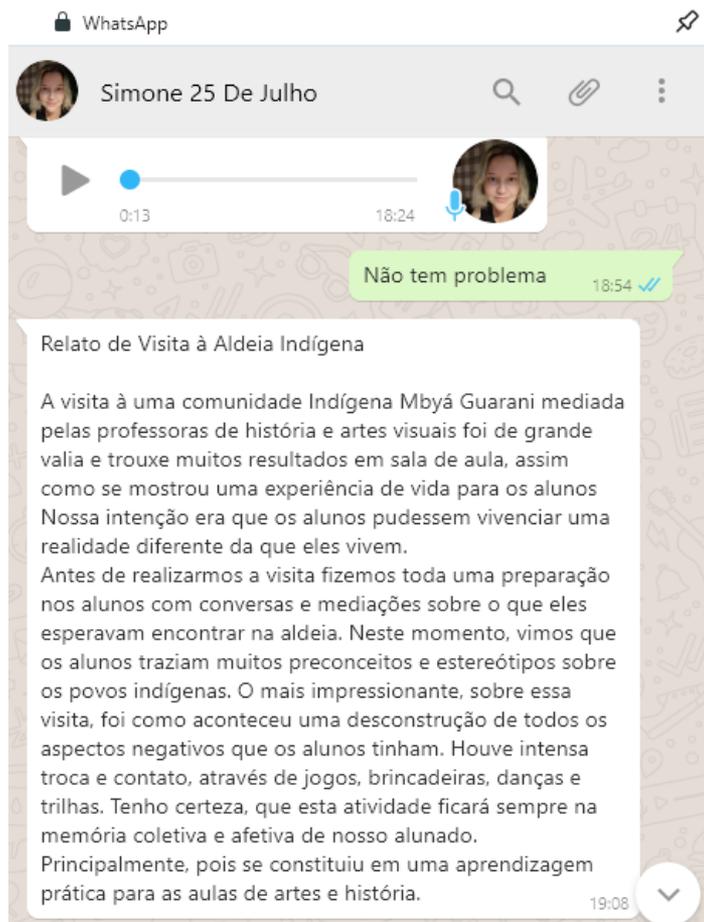
18:08

🍌 🍌 🍌 🍌 18:22 ✓

Os depoimentos foram recolhidos para a produção deste Portfólio, com a ajuda da coordenação da escola, solicitamos as turmas que quem quisesse podia escrever um breve relato.

Vou anexar um vídeo onde as meninas que apresentaram a pesquisa na FIC, dão um relato. Eu havia pedido que me mandassem por escrito, mas elas preferiram por vídeo.

Depoimento da equipe



Fico muito feliz, de poder dar meu relato sobre a atividade proposta pela professora Danieli Ganassini da Silva, com as turmas de sétimos anos da Escola Municipal de Ensino Fundamental 25 de Julho, do Município de Campo Bom. Essa proposta de trabalho, fez com que os alunos repensassem a maneira de ver e julgar os hábitos indígenas. Todos eles no início do projeto tinham uma imagem de um povo desocupado que viviam de favor e não tinham o conhecimento de toda a trajetória indígena até os dias de hoje. Para mim enquanto gestora foi um experiência e vivência ímpar, pois poder perceber o crescimento e aprendizado dos alunos no dia a dia da Escola, foi especial. O pensar deles quanto a vida indígena, mudou a cada descoberta sobre sua cultura, vivências, rituais entre outros. Isso ficou muito claro desde a chegada na comunidade indígena Aldeia Tekoá-Pindo-Mirim, Povo Mybíá – Guarani em Gravataí. A expectativa desde a entrada no ônibus, a atitude de respeito deles ao participar do ritual de chegada, sua postura durante as atividades físicas propostas pela comunidade. A hora do almoço, o cuidado que cada um teve que ter com sua louça trazida de casa. Pois sabemos que vários desses alunos nem sequer recolhem seu prato da mesa. A prática de como usar o arco e flecha, a conversa com o cacique e o momento de perguntas foi um momento inesquecível. A volta deles para casa foi de muita alegria, pois ficou claro a mudança de pensamento. A postura deles na Escola relatando a experiência vivida para seus colegas que não participaram do projeto, foi algo muito especial.

Silvia Aparecida Soares

Silvia Aparecida Soares, diretora da escola na época do projeto, apoiou desde o início o projeto. Ela fez questão de participar da vivência.

A professora Simone Silva da Silva atua até hoje na escola comigo e sempre que temos oportunidade fazemos trabalhos juntos, especialmente saídas de campos para museus e exposições.



Referências bibliográficas

Aidar, Laura. Arte Indígena Brasileira. Toda Matéria, 2018. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/dostoievski/>. Acesso em: 29/04/2020

Azevedo, Marta Maria. Diagnóstico Da População Indígena No Brasil. Ciência e Cultura. vol.60 no.4 São Paulo. 2008. Disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252008000400010#tab01

Brasil. Lei nº 11.645, de 10 março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 março, 2008.

Fundação Nacional do Índio: <http://www.funai.gov.br/>

Conselho de Missão dos Povos indígenas: <http://comin.org.br/>

<http://artenaescola.org.br/premio2020/?p=regulamento>

<https://www.ufrgs.br/prorext/iv-semana-com-a-cultura-guarani-mbya-abre-inscricoes-para-escolas>

http://diariodeviamao.com.br/noticias/cotidiano/2042_comunidades-guarani-de-viamao-celebram-mes-do-indio